

QUINTA-FEIRA
Lisboa--24 de Fevereiro-1927

5 TOSTÕES



sempre **fixe**

sem
fumo

engraçado
pelo 822

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Adminis
REDACÇÃO
TEL. T.
RUA DA ROS

INAS

O cumulo da insensibilidade



SEMPRE FIXE, que não tem uma pedra no lugar do coração, repele a ideia inconcebível de uma reles folia em cenário tão tragico.



Os ditos da semana



Mais uma vez — raras, felizmente — o Carnaval, inventado pelo homem para sorrir à vontade, com todos os dentes, mesmo concertados com chumbo — falta ao seu dever, por culpa de nós todos. Em vez de ser alegre, advinhamo-lo triste. É o que é mais macambuzio, friorento, desiludido, apagado. Crepes de luto, onde a máscara é amarga — tocada de desespero. Carnaval dos mortos, estendidos nos cemiterios, pela ultima luta fraticida. Ainda aparecerá um ou outro *chéché*, um ou outro *Pierrot*, desorientado e fugitivo, como uma estrela desviada da sua orbita; um ou outro soldadinho, com uma espingarda de pau e um sabre de cartão... Fôssem assim todas as armas! O nosso querido Francisco Valença iluminou de talento a nossa primeira pagina. Sob o riso ha um pensamento. Que ele seja compreendido e nos faça inclinar todos igualmente ante este Carnaval, deixando-o passar roto, esfarrapado e velho, nos seus trapos sangrentos, onde o luto reparador da saudade apaga vestígios muito recente.



A nossa policia, que põe um cuidado extremo na circulação e destino dos varios vehiculos e peões que constituem o transito de Lisboa, ofereceu-nos outro dia, na quarta pagina do *Noticias*, uma nota galante e inesperada. O leitor decerto não quer saber o que procuravamos, entre os anuncios do grande matutino. Garantimos que não se tratava de nenhuma especialidade farmaceutica, de caracter secreto, nem mesmo de senhora solteira, casada ou viuva em apuros pecuniarios, que oferecesse quarto, cama e roupa lavada a cavalheiro de maximo respeito e inherente sigilo...

Percorremos a primeira coluna. Um a um lemos os anuncios das criadas, recentemente chegadas da provincia, pela calçada da Gloria; 60 escudos mensais, com taxi aturado e noites ao ar livre; cosinheiras com acepipes dignos de bom paladar e varias outras informações, dadas naquele estilo telegrafico e sibilino que parece significar: — Se queres, queres; se não, rua! Isto diziam dantes as patrões. Agora é o contrario — mas tudo vai bem, dada a inflação numerica das primeiras, constituídas em grande parte pelas segundas.

Ao sexto anuncio — abrimos um sorriso. Um sorriso fatal, irresistivel, guloso. O leitor faria o mesmo, nos nossos casos. Tratava-se duma criada que oferecia os seus prestimos, dando como local de permanencia a 8.ª esquadra, — a do Nacional. Já era tarde para a irmos procurar. As criadas dos anuncios desaparecem todas antes das 9 da manhã, chamadas à pressa por varios maridos que demitem as esposas, durante a noite, acusando-as de latrocinios sentimentais.

Consultamos o relógio: 10 horas! Impossivel, pois, ir procurar aquela criada modelo, agasalhada na ordem e na segurança publica como, orgulhosamente, indicava o anuncio.

Não a quizemos imaginar de uniforme, embora na Russia haja um corpo de hussards — o melhor *corpo*, claro — constituido por mulheres. Não trauteámos a musica dos 28 dias de *Clarinha*, onde a dita faz de soldado, como se fôssem recrutas. Não quizemos tambem pedir ao governo civil esclarecimentos nitidos, peremptorios, oculares, ácerca do estranho individuo de sexo fragil que se introduzira ou fôra recebido, em local pouco plausivel ás suas funções. Bem sabemos que as criadas de Lisboa amam a farda, com uma tão entranhada paixão, que nove meses depois os resultados de desentranhamento são fatais. No entanto, afigura-se-nos inverosimil que a digna serventuarie utilizasse o posto em vez de se servir da respectiva agencia.

Teria a criada sido desviada do seu trajecto por algum sinaleiro? Teria sido autoada, convenientemente, por excesso de linguagem? Teria ainda manifestado um tal apêgo á

ordem, que se quizesse tornar um simbolo e um exemplo para a futura patrão, valorizando-se assim como uma mulher de armas?

Não sabemos responder. Ao escrevermos este auto, damos os leitores por testemunha e Gil Vicente, patrono do Teatro Nacional, por juiz da questão.



Outro dia subia placidamente a rua Garcia da Horta um enterro. Carreta; gatos pingados; amigos do morto — e não sabemos se o dono da agencia funeraria, velando pela integridade dos panos e demais material.

A alturas tantas, o prestito ocupou os *railts* da Carris. Lá do alto desembocou, amarelo e rapido, um electrico, de salva-vidas aberto para, mais facilmente, engulir o morto. A carreta avançava e o electrico tambem. Os homens que puchavam o vehiculo funebre gritaram para o guarda-freio:

— Pare! Olhe que atropela o defunto.

O da Carris é que não esteve pelos ajustes. Travão aberto, fez descer o carro. O enterro desorganizou-se. Acto continuo formou-se uma baricada na rua. A carreta, com o caixão, ficou atravessada na linha. Os populares saltaram para o electrico; os passageiros para o passeio; o condutor e o guarda-freio, socados violentamente, estiveram por um triz a ir substituir o morto, no caixão.

Tudo acabou em bem. A justiça popular procedeu desta vez com sapiencia juridica e em ultima instancia. O seu agravo não teve apêlo. E ainda bem.



Alberto de Sousa, mestre da aguarela portuguesa, dá-nos hoje uns graciosos desenhos — que são a reportagem fiel dum sucesso verdadeiro e picaresco que envolveu o nosso querido camarada de jornalismo Aprigio Mafra, quando da excursão dos jornalistas a Evora.

Os desenhos de Alberto de Sousa falam como gente — motivo porque dispensam elogios.



Uma senhora antiga, destas que aos 48 anos ainda estão esperanças num bom casamento, escreve-nos protestando contra o facto de certos cavalheiros andarem ocupando as prerrogativas do sexo fraco. Descanse, minha senhora, que a concorrência não é perigosa. Os seus 48 anos, sem competencia matrimonial, estão livres desses concorrentes, que julga perigosos. Compre o artigo quem gosta. Entre nós a brôa vale o melhor pãosinho francês. Temos os dentes muito duros para essas delicadezas. Se alguns homens pretendem substituir as senhoras — materia prima que, felizmente, não escasseia, dada a abundancia das primas desempregadas no casamento — a verdade é que ha muitas senhoras que desejam passar para o lado de cá...

Tanto *eles* como *elas* são indesejaveis, minha querida senhora, — mas não fazem mal se não a quem o quere.

HAVIAS — 1.500.000 francos...



O Pereira da Rosa,
P'ra que tudo explique,
Pregou uma tosa
No pobre Magnique.

Com vagar e calma,
Porque não se irrita,
Arrancou a palma,
Ao Velho da dita.

De forma plausivel,
Valor e constancia,
Tornou impossivel
Uma magnificancia.

Fado da LOJA DO POVO

da Estefania

MOTE

Já notoria na Estefania,
existe a Loja do Povo.
E' a melhor contemporanea
e daqui não me demovo.

GLOSAS

Quem tiver a intenção
de um vestido dar, vistoso,
á Rua Almirante Barroso
deve ir vê a exposição
porque, dentro em pouco, o verão
vem duma forma instantanea
e ocasião momentanea
p'ra se vê o que ha de novo
só indo á Loja do Povo,
já notoria na Estefania.

Ha lá tudo quanto é bom
nas mais modernas fazendas,
ha meias, sedas e rendas
para as madamas do tom.
Desde o veludo ao crépon,
o armazem é como um ovo
e é por isso que eu louvo
tal meio, com energia,
e por tal é que hoje em dia
existe a Loja do Povo.

Lá está o socio gerente,
o Luis, bela creatura,
que a Estefania assegura
ser um iman atraente.
Porque ele atende a gente
com franqueza tão espontanea,
que até se fala na Ucrania,
em Londres, Roma e Paris,
que a figura do Luis
é a melhor contemporanea.

Disse-me o Gomes um dia,
da rua Pascoal de Melo,
que tem o talho mais belo
por vender carne macia
e o Bucelas da primazia,
dos piteus e vinho novo
da casa onde vai o povo
lá na Rua Ilha do Pico
—Eu pelo Luis sempre fico
e daqui não me demovo.

LOJA DO POVO
DA ESTEFANIAO MAIS COMPLETO SORTIDO EM
FAZENDAS DA SUA ESPECIALIDADE

Preços para todas as bolsas

Rua Almirante Barroso, 2 a 10

MANUEL GOMES

R. Pascoal de Melo, 106

CARNES VERDES, SAL-
GADAS E ENSACADAS

GOMES & INACIO

CASA DE PASTO
VULGO — BUCELAS

Rua Ilha do Pico, 10

A cosinha á portuguesa
e o melhor vinho de Lisboa

A aró:—Deixa-o lá. Perdão-lhe por
esta vez.

A mãe:—Não, mamã. As crianças
devem obedecer aos pais...

A NOVELA DO "FIXE"

O PAPAGAIO
que endoideceu

Não ha situação triste nem dolorosa
dando não se possa extrair uma
parcela do humorismo. Isto disse-me
um filosofo. Nas trincheiras da Gran-
de Guerra, ele nasceu como um tonico
para as agruras do soldado.

No caso que eu vou relatar, o hu-
morismo não nasceu do homem, mas,
sim, de um plumoso animal que fala
como ele—um papagaio inteligente,
verde-multicôr, africano do nasença
e que endoideceu.

Dirão os meus leitores:—Um papa-
gaio tambem pode endoidecer? Cla-
ro que pode. Se um homem que fala
como o papagaio endoidece, é natu-
ral que um papagaio que fala como
o homem esteja em iguais circumstan-
cias.

...

Nas primeiras horas da rebelião,
habitava em uma das ruas mais asso-
ladas pelo tiroteio uma familia, cujo
chefe era um democratico dos cinco
costados, o que, portanto, o fazia
inclinár para o lado dos revoltosos.

Na casa onde moravam, num pré-
go da parede que deitava para a rua
estava sempre, durante o dia, uma
gaiola dependurada, com um soberbo
papagaio que falava admiravelmente.

Além do tradicional Quem passa?,
assobiava a Portuguesa e dava va-
rios viras e morras!...

Acontece que o dono do papagaio,
receioso da proporção que ia toman-
do o movimento e assolado pelo tirc-
teio, resolveu fugir com a familia
para casa de um amigo, em Algés.
A mulher e a filha passaram dois
dias felizes por estarem longe da sa-
ragata, enquanto que o homensinho,
informado de que o governo estava
quasi a ganhar, mazombava a sua
opinião...

Terminado o conflito, já o dono do
papagaio estava ao lado do governo.
A mulher, que não era para brinca-
deiras, ao vê-lo voltar a casaca, disse-
lhe: «Final, tu és o que se chama
um feijão frade!... Não tens opinião
propria e falas, falas, falas para, no
final de contas, não passares de um
papauaio!

—Papagaio?! Tu disseste papa-
gaio? Ponto na questão. Deixemos a
politica e lembremo-nos de que fugi-
mos e esquecemo-nos do nosso pobre
papagaio á janela!

—E' verdade!—diz-lhe a mãe.

—Ai, o meu loiro!—diz a filha.

E lá foi aquela trempe, pressurosa,
para as bandas do Rato, em grande
discussão pela sorte do plumoso ani-
mal.

Uma vez chegados defronte da ca-
sa, repararam que os vidros de uma
das janelas tinham voado e que gran-
de quantidade de balas estavam cra-
vadas na parede.

—Coitadinho! Se calhar, mataram
o bicho!...

Sobem a escada de gangão, vão á
varanda, tiram a gaiola para dentro
e reparam que nela, deitado, meio
desmaiado e com um olho aberto, es-
tava o interessante loiro.

—Está morto!—diz a mãe.

—Não está tal!—diz a filha.

—Tem um olho aberto!—diz o pai.

Burrifaram-no com aguardente e o
animal estremeceu.

Meteram-lhe um bocado de cânha-
mo pelo bico.

—Que te fizeram, loiro?—diz a
mãe. E o animal abriu o outro olho.

—Anda, diz o que te fizeram?—
preguntaram-lhe, acariciando-o.

—Prum! Prrrrrum!—diz o animal.

—Vá, loiro, quem passa?

—Tic, tic, tic, tie!... Tac! Tac!
Pum!...

—Ai, que o bicho endoideceu!—dis-
se a mãe.

—Então, loiro?...—disse o pai.

—Blom, blum, bloum, bloum!—dis-
se o animal, a imitar as metralhado-
ras pesadas.

—O que é que ele diz? Perderia a
fala?...—disse a filha.

Burrifaram-no outra vez com
aguardente, o que lhe dava a perspe-
ctiva de o matarem com uma bebe-
deira; a mãe meteu-o entre os anafa-
dos seios para o acalentar e, ao che-
gar á janela para lhe dar um pouco
do calor do sol, a visinha de baixo
travou o seguinte dialogo:

—O' visinha, ainda bem que che-
gou para lhe fazer uma pergunta.
Diga-me: quando saíram, deixaram
alguem lá dentro a tomar conta na
casa?

—Nós, não...

—E' que, durante a noite, ouvia-se
lá em cima, de vez em quando, dar
vivas ao sr. Afonso Costa e, cada vez
que isso acontecia, era uma chuva-
da de balas que nunca mais acabava.

—Ai, o estafermo do papagaio, que
me ia deitando a casa abaixo!—diz o
homem.

—A culpa foi tua!—diz-lhe a mãe.

—Quem mandou o pai ensinar essas
coisas ao animal?! Vê? Agora endoi-
deceu...

—Meu loiro, anda, diz qualquer
coisa.

—Pum! Zéééé!...—largou o bicho.

—Vou levá-lo a Rilhafoles, coita-
dinho!—diz a mãe.

—Para Rilhafoles vais tu...—disse
o pai. Isto, assim, não pode conti-
nuar; isto é um perigo nesta situa-
ção e eu, com toda a franqueza, já
me sinto inclinado para um governo
de ordem como este. Levem-me já o
papagaio para as janelas do saguão.

—O' filho, não sejas assim; ali não
ha sol.

—Deixá-lo. Tambem na Penitencia-
ria não o ha e está lá muita gente.

E, voltando-se para o papagaio, dis-
se-lhe:

—Tu, meu malandro, se me tornas
a dar vivas, verás como te arreberto
a cachola com um sóco... Anda! Atre-
ve-te, dá lá um viva!

Nesta altura, o animal levantou-se
como uma mola o, deitando uma ba-
forada a aguardente, largou um Mor-
ra! com tantos erros que até fez cair
um pedaço de vidro que restava sus-
penso da bandeira da janela.

—E diziam vocês que ele estava
doido!

...

E hoje, por cada viva ao presente e
por cada morra ao passado que o loi-
ro larga, lambe-se com um pedaço de
banana que, em todas as situações,
foi o seu verdadeiro tacho...

José Barbosa.

CANÇÃO NACIONAL

FADO DA ESTEFANIA

MOTE

Teve uma bela madrinha
este bairro popular.
Foi uma nobre rainha
de caracter modelar.

GLOSAS

Tendo um Arco que é dum Cego
e que estava junto ás hortas,
levaram-lhe um dia as portas
ou puzeram-nas no prégo...
Entre as coisas que eu alego
e que eu vi co'a vista minha,
foi da Polvora a Casinha
junto á qual tanto brinquei
e, de resto, o bairro, eu sei,
teve uma bela madrinha.

Duma forma original,
eu já fiz e ainda hei-de
fazer, ás ilhas, um raid
sem voar, de Portugal...
—Vou á Rua do Faial
e á do Pico, mas... a andar...
p'ra ninguém poder negar
quanto valem os encantos
que tem por todos os cantos
este bairro popular.

Tem a um canto o magestoso,
o belo Hospital Estefania
e a Portugalia, ex-Germania,
que é um nectar precioso.
Tem noutro canto garboso,
sem sor de Sintra, a Peninha,
e noutro a Guarda de linha
lá do Cabeço de Bola...
De tudo isto, a real mola
foi uma bela Rainha.

Tem raparigas tão belas,
ricas e remediadas,
que, de noite, debruçadas,
vão namorar ás janelas.
E, por fim, sem mais aquelas,
bem alto o posso afirmar,
que é feliz quem lá casar,
pois na Estefania, ha excepção
nas sogras... que todas são
de caracter modelar...

Reporter B.

Restaurante A PENINHA
da Estefania

Perguntas e respostas

P.—O que dirás se provares,
um dia, os belos jantares
que se servem na Peninha?

R.—Ora, o que hei-de eu dizer?...
Digo que quem os comer
fica gordo qual toninha...

P.—E se lá, nos gabinetes,
p'ra uma ceia com filetes
tu entrases acompanhado?

R.—Isso, então, não ha que vêr
nem me podem conhecer
que, no fim, saio inchado!

E, assim, todo o alfacinha
que os Beefs á Peninha,
por acaso, um dia, os prova,
dirá:—o Beef mais belo
é o da Rua Pascoal de Melo,
numero sessenta e nove!

A PENINHA

Aberto toda a noite

Cosinha esmerada
Ótimos vinhos

R. Pascoal de Melo, 69

Entrada para os gabinetes pelo n.º 67

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

HA anúncios engraçados. O do Nacional, por exemplo. Diz-se nele que a companhia faz sucesso sem recorrer a artistas estrangeiros.

Com quem será?

Só se for com o Erico Braga, que imita o *Chevalier*, sincopando as duas ultimas sílabas... E mesmo isso é no Carnaval, porque quando ele quer monta uma peça e parte á desfilada que ninguém o vê. Os outros, cá de longe, ficam-lhe a dizer adeus...

Só se o anúncio é um *adieu*, de mão fechada...

Tambem pode ser! Como não pertencemos á ordem de S. Francisco, absolvemos os incredulos.

DURANTE a semana passada — bem mal passada, por sinal — quasi todos os teatros de Lisboa deram á luz varias tragedias e comedias de aspecto colorotico e enfezado que, apesar de medicadas violentamente pelo réclamo, mostram-se pouco tenazes para uma longa existencia.

As mães-empresarias estão muito desiludidas. Embora coloquem o respectivo menino na roda da Santa Casa da Bilheteira, ninguém aceita a *borla* — com medo de ser burlado.

As crianças, como são filhas de pai incognito, andam nas mãos dos padrinhos, que são tantos como os tradutores. Algumas podem asilo; outras esmolas — e as mais formosas es-

morecem com a quadra do Carnaval, que as confunde a todas, na mesma hexigada de gaitinhas, sacos, perfumes e outros ingredientes algo sulfidricos.

Os teatros, como são muito grandes, apresentam um quarto de casa. Compreende-se: as empresas não querem obrigar os espectadores a sair de casa, com medo que eles transgridam o edital...

Os artistas, fartos de trabalharem bem sem resultado, já estão fazendo o contrario, o que não faz mal a ninguém, nem a eles — porque já estamos acostumados.

Brevemente subirá á scena uma grande revista, intitulada: «Não te Rales, que isto vai num sino!»

A estrela Lina Demoel, regressada ha menos de três semanas do Brasil, teve já três propostas para ir trabalhar. Nenhuma a demoveu dos seus propositos — solidos propositos de bom teatro. A ver vamos!

Talvez que na primavera a estrela regresso ao céo da revista lisboeta, iluminando e cantando como sempre o melhor successo do ano!...

NUM grande restaurant em Paris. Jantar de honra a Cécile Sorel. Convivas: Luis Bertrand, Emile Buré e

Forain — o grande caricaturista francês, já falecido.

— Qual a idade em que uma artista deve abandonar a scena? — pergunta um dos convivas.

Cécile Sorel, que é uma gloria pré-historica da scena franceza, responde:

— No sei!... Sinto-me ainda nova. Quando compreender que, em teatro, o meu tempo passou, estou decidida a dar um tiro no coração...

Forain, baixinho:

— Fogol

— E o dr. Bolbec?

— Com aquele advogado ganham-se todas as causas.

— Condessa Maria?

— É uma peças das antigas, que está a pedir reforma.

— O Sr. que se segue?

— Um bom freguês que vai todas as noites... no Trindade!

HA artistas que odeiam os jornais. Prova-o este pequeno dialogo, entre uma actriz e um critico, na Comedie Française:

— Os jornais só dizem mentiras!

Mentiras! Só costume acreditar em metade do que vejo impresso...

— ...e sobretudo impresso no dicionario, minha querida artista, a julgar pelos seus erros de ortografia.

Ha muitos anos, um empresario português sofreu o desgosto de lhe falecer a mulher.

Pesames. Luto nos amigos e respectivas consolações. O secretario da empresa:

— É preciso avisar os artistas. Não ha espectáculo logo...

O empresario:

— Então eu perdi a mulher e tenho tambem que perder o dinheiro desta noite? Ah! isso não! Anuncie espectáculo para logo.

ARISCA é um titulo que *risca*... Já riscou!

JA' foste ver o *Maluco das Avenidas Novas*?

— Já e aplaudi! O Alves da Cunha vai muito bem! Depois da Fera é o seu melhor papel...

QUE tal, a *lei seca*?

— Muito sequinha... Nem uma gota d'agua com interesse...

O Homem das 5 horas

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS TEATRAIS



“Premières,, de polvora seca

Bom humor

O marido:—Sabe, doutor, minha mulher anda com arrepios de frio. Que remedio receita?

O medico:—Um bom casaco de peles!

* * *

Dois garotos aguardam, na rua, a vinda dum terceiro para lhe applicarem uma sova real.

—Isto já me parece historial! Ele costuma passar por aqui ás 6 horas em ponto.

—E são já seis e meia! Deus queira que não lhe tenha sucedido nada...

* * *

Numa praia, em dia de inverno, despedaçado de ventania e aguaceiros, dois burguezos sadios e felizes contemplam com a maior indiferença dois naufragos que lutam desesperadamente, e em vão, com o mar, que está prestes a engulir-los.

—O que esperam para nos socorrer?—grita um dos naufragos.

Os outros, a seco e muito serenos:

—Impossivel! Apostámos sobre qual de vós é o primeiro a morrer!...

* * *

Chove. Uma senhora de idade entra num taxi.

O chauffeur:—Para onde vamos, minha senhora?

Ela:—Para parte nenhuma! Estou á espera que passe a chuva...

* * *

O riojante:—Tem havido muitos incendios cá na vila?

O bombeiro, condecorado:—Nem por isso, senhor. Os habitantes receiam mais a minha pericia de que o fogo...

* * *

Entre vizinhos, cujas propriedades se tocam:

—Estou desolado! As minhas galinhas entraram no seu jardim e estragaram todas as flôres...

—Não faz mal! O meu cão mordeu e matou as suas galinhas.

—Paciencia! Agora mesmo, ao passar de automovel na estrada, atropelou o seu cão...

* * *

Ao telefone:

—E' o sr. professor?

—Eu mesmo!

—Quero preveni-lo de que o seu aluno não pode hoje dar lição. Está muito constipado...

—Bem... Bem...—diz o professor, que estranha a voz infantil que lhe fala.—Mas quem está ao telefone?

A mesma voz:

—E' o meu papá, sr. professor!

Bristol Club

A direcção previne que, a partir de ontem, este Club tem autorização para funcionar toda a noite.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1927.

10 0/0 DE MUSICA

Como se domestica um penhorista

Um conto e duzentos por uma sinfonia funebre

—Ainda bem que te encontro... Vais gosar um pratinho originalissimo.

—De quê?

—De semi-fusas e colcheias.

Nestes dias de insistentes esperas e sonolencias gripais, em que tudo no mundo tem o aspecto sorna de uma sogra dormitando, não se pode perder estes bocadinhos. E esperei. Aguardei com uma agradável moleza os acontecimentos. O meu amigo que assim me excitava o apetite para um pratinho de pitoresco, era um boémio veterano, daqueles que conseguem arrancar formidaveis piadas, mesmo no dia da morte da noiva.

—Tu não conheces o Julião? Pois vais conhecê-lo... E' um musico distinto, mas boémio como uma espanhola com champagne.

«Ha duas horas, muito aflito por questões de dinheiro, chamou um galego, resou um Padre Nooso, tocou a *Marcha Nupcial* e disse: «Bem-dito filho de Tuy. E's tu a minha salvação. Vai chamar um outro teu patricio e, sem mais delongas, desterra-me esse piano maldito para o paraizo de uma casa de prégo. Corre a salvar-me». Ora nós estamos á espera dos galegos. Ele está lá em cima dispondo as coisas para um almoço de recepção a uma princeza muito conhecida. Eu espero, ou antes, vigio para que o covo não assuma aquella estupenda samsaboria do escandalo, o tu...

—Eu?...

—Ficas para a festa... Ah! veem os galegos. Podemos subir. Apresento-te ao Julião.

* * *

Vieram os galegos. Saiu o piano a caminho do desterro. Feitas as apresentações, esperamos. Por felicidade, eu tenho cigarros para alimentar um quarto de hora de cavaco.

—Diabo, os galegos demoram-se. Se o judeu da casa de prégo não dá o que mandei pedir, vai ser o bonito... Preciso de um conto e quinhentos... Talvez diga que o piano é bom e o maroto de penhorista gosta de musica e sabe da coisa...

Entram os galegos.

—Só dão oitocentos...

O Julião dá um formidavel berro.

—Isto é uma infamia!

Fica muito abismado nos seus pen-

samentos; depois tem uma resolução.

—Vocês querem assistir a um concerto original? Venham dahi...

Saimos todos de roldão a caminho do penhorista.

—Eu bem te dizia—confidenciou o meu amigo.—Vai ser um pratinho de semi-fusas...

* * *

—O' seu descaradão... Então você tem o desplante de não dar um quilo pelo piano?! Você sabe o que está ali?...

—Sei!

—Qual sabe, nem qual historia. Espere lá um bocadinho que já vai ver...

Transpõe o balaço, acerca-se do piano, senta-se e começa tocando Liszt.

—Então, um piano que dá isto não merece um quilo...

—Dou novecentos...

—Não, senhor... Ora oiça lá isto...

Um luar de Beethoven derrama-se sobre todo um complicado arsenal de bric-à-brac.

—Então?...

—Bem, vá lá o quilo...

—Não me chega... Ora oiça você. Veja estas notas...

E vem a *Polonaise*, de Chopin...

Claro, dentro em pouco a casa regorgitava.

—Homem, pare lá com isso. Dou-lhe um conto e cem e deixe-me a casa...

—Não deixo nada. Se você não se chega á razão, esses meus amigos vão ahi aos jornais dizer que dou aqui um concerto pago, e acabou-se.

—Dou um conto e duzentos. Pronto...

—Qual historia, ponha lá o resto...

—Ora oiça lá esta marcha funebre.

A assistencia ria. Havia já multidão á porta.

Finalmente, o homem cedeu.

—E' assim que se domesticam as feras... Só por musica. A'manhã mande-lhe cá estes meus amigos.—E piscando-nos os olhos:—Um deles toca trombone, o outro, se você se faz fino, aparece-lhe ahi com um bombo.

Na realidade, sempre que teve de socorrer-se das casas de prégo, foi sempre aquele que fôra vitima deste singular concerto. E nunca refilou.

E. F.



—Como é obrigatorio a entrega de todo o armamento, achava conveniente entregares essas armas que tens por cima da cabeça.

Bric-à-Brac

Chá das cinco

Ontem, subia o Chiado,
Pouco antes de ir jantar,
E, por estar muito massado,
Fui, p'ra passar um bocado,
Tomar um *Porto* á Bénard.
Junto á mesa em que me sento,
Duas airozas senhoras,
Com farpelas de espavento,
E ambas lindas e ambas louras,
Falavam do movimento.
Lembravam, apavoradas,
O tremendo cataclismo,
E o rebentar das granadas,
E as oradas assaltadas
P'la onda do bolchevismo:
E a mais nova e a mais bela
Diz sobre os sediciosos:
«—Ora vê tu, Gabriela,
Desta vez, os revoltosos
Até foram a Palmela...»

Forestier

Um dia, a Camara Municipal,
Por decisão de todos os edis,
Fex vir Forestier desde Paris
P'ra transformar a nossa capital.

E eu acho facilimo, afinal,
Fazer na capital, e no país,
A remodelação mais radical,
Sem ter de se gastar uma de X!...

Que, pelo meu projecto enfim se guiem
Os engenheiros e demais artistas
A quem a obra colossal confiemi!

Po's nos basta, p'r'ó fim que têm em vistas,

Que o Terreiro do Paço distanciem
Dessa rua fatal dos Capelistas!...

João Fernandes.

A cerveja PORTUGALIA é a melhor que ha em Lisboa

Se a Cerveja d'Alemanha,
feita em Berlim ou Hamburgo,
e a francesa de Estrasburgo
são grandes de forma estranha,
duma grandesa tamanha,
maior do que na Italia,
temos outra, ou cór da dália
ou a clara, loira e boa
que se fabrica em Lisboa—
—A CERVEJA PORTUGALIA.

Assim que chegar o v'rao,
a agua, sem se ferver,
ninguem a pode beber
sem uma intoricação.
Por isso, nessa estação,
bebam PORTUGALIA á tóa,
que a calmaria até vóa
e volta o fresco bemdito,
que a PORTUGALIA, repito,
E' A MELHOR QUE HA EM LISBOA!

PEÇAM EM TODA A PARTE AS CERVEJAS DA FABRICA

PORTUGALIA

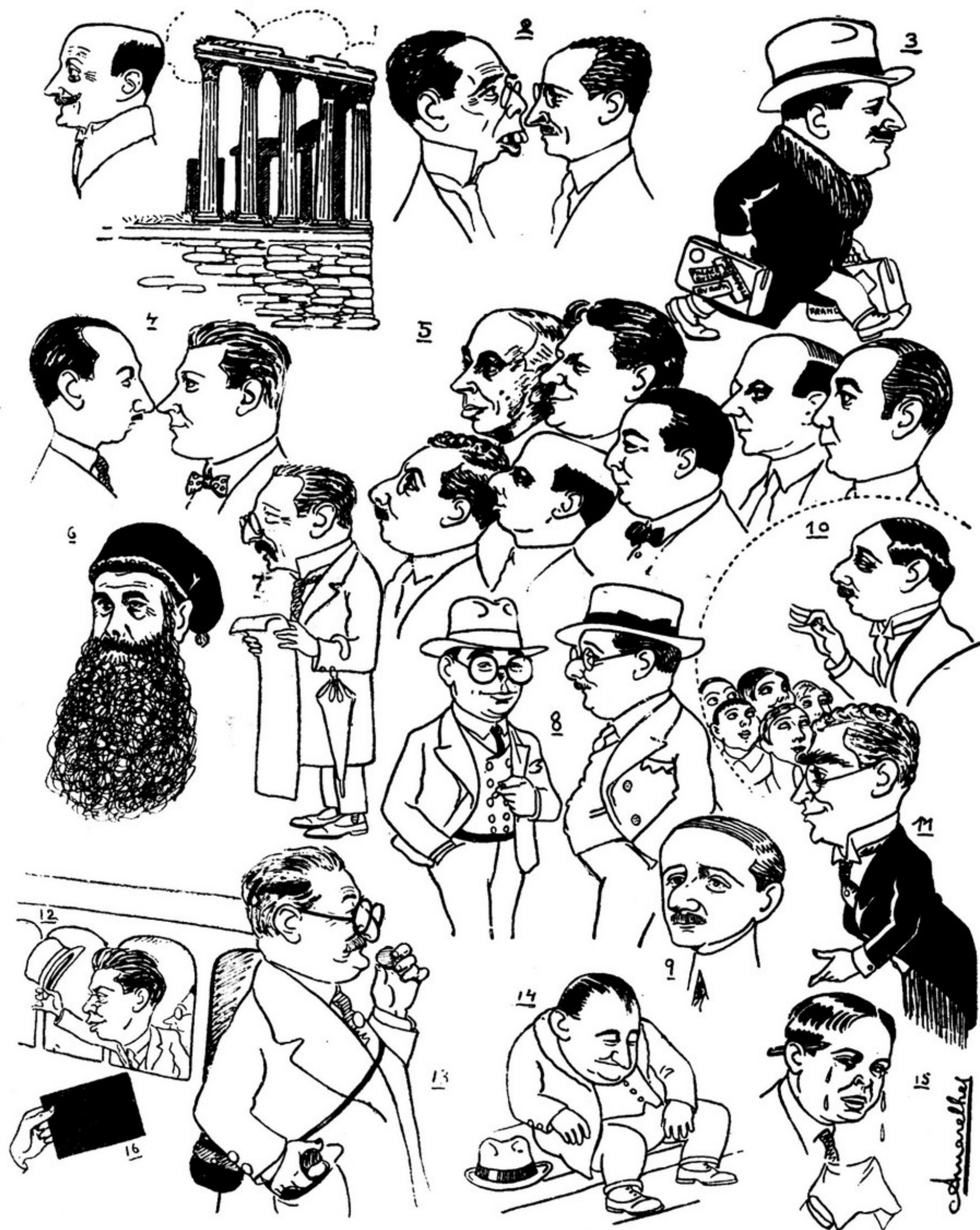
Porque são as melhores de todas

NA ESTEFANIA
A Fotografia

PORTUGALIA

É A MELHOR, A MAIS MODERNA E CHIC DO PAIZ
105, Rua Pascoal de Melo, 109
Telefone 2179 Norte — LISBOA

A VISITA DOS JORNALISTAS A EVORA



Boas penas e melhores estomagos

NAMORO POR ANUNCIO

CARTA

a uma senhora

Quem vos escreve, não é loiro, nem alto, nem gordo, nem miope, nem usa polainas ou mostra as fitas das ceroulas. Quem vos dirige esta carta não é um homem. Tão pouco é uma mulher ou um velho romantico com reumatismo nas pernas, e as mãos e o pensamento desocupados. Quem vos escreve esta carta é... uma cooperativa...

Sim, minhas gentis senhoras, sejamos sinceros, já que não nos conhecemos. É uma cooperativa.

Os jornais estão hoje cheios destas pequeninas e curiosas organizações. Naturalmente a maior parte delas estão secretas. A prova do que nos organizamos nos jornais, podem v. ex.ª encontrar na fundação, no *Diário de Lisboa*, de uma sala de esgrima.

Temos tudo, minhas senhoras, desde a grafologia, onde podemos apreciar a nossa prosa e vosso cursivo revelador, até á caixinha de segredos dos anuncios. E como temos tudo, não poderíamos deixar de ter a preciosidade das vossas missivas afectuosas, prometedoras.

A insistente experiencia da profissão leva-nos a saber que há muitas mulheres, e que lindas, que emanam do mistério, que só abem amar através o perigoso enigma do numero.

Que romances, na quarta página do *Diário de Noticias*. E julgam v. ex.ª que o deixariamos folhear, nas nossas barbas, por mãos profanas?

Então organizamo-nos secretamente, passamos a amá-las, senão a ouvi-las, com a convicção e o desinteresse que dá o mistério.

Quando uma de v. ex.ª se dirige em carta, a minha amiga de um cavalheiro desiludido, procurando na poesia dum amor por letras, o affecto perturbante de um desconhecido, somos nós, um de nós, que respondemos. Muitos dos vossos cavalheiros ideais, somos nós, nós que vos escrevemos, para colocar um pouco de espirito e de amor naquilo que escrevem fora da nossa profissão.

A's vezes, succede, que uma de v. ex.ª não se basta com a correspondencia. Quer sentir um affecto mais... palpavel.

Pelas cartas, verificamos o vosso ideal, a sua cor de cabelos, a marca de cigarras, a altura da bengala e a cor da gravata. Então escolhemos. Somos todos muito camaradas e muito modernos. Destacamos um de nós: o de olhos negros, de chapéu largo, ou o loiro com capote de borracha e «bonet» de aviador.

Aqui têm, minhas senhoras. Aqui têm v. ex.ª descoberto, numa sinceridade de amantes veementes, que não veriam descobrir o jogo, a nossa cooperativa.

Quem vos escreve estas linhas é o seu secretário, e que fique aqui entre nós, o mais favorecido, porque é justamente, o que escolhe as melhores cartas.

E agora, minhas gentilissimas senhoras, agora que v. ex.ª conhecem a nossa Sociedade Anónima de Amor, Limitada, porque não se dirigem directamente ao *Sempre Fize*, endereçando a vossa correspondencia, os vossos anseios, ao secretário que vos beija as mãos...

E. F.

EM EVORA

Historia trágico-pedestre dum jornalista



Aprigio chega á estação do Evora, onde é recebido, como o grande Elias, com manifestações de apreço e de regosijo, e, entregando a sua rechada mala a um moço, segue tranquilo a visitar a cidade monumental,



mas como desconhece os cantos á terra, perde-se do moço e da mala, o que lhe causa sérios embaraços. Recorre á policia e, percorrendo todos os recantos de Evora, indaga ansioso o paradeiro da sua rica mala;



até que o 72 da Civica tem uma ideia luminosa. «Quem nos diz que a mala não está na Sé?» E, de facto, acompanhado por grossa multidão,



vão encontrar a sua preciosa mala no no cume duma das agulhas das torres da Sé.



Porém, os calos de Aprigio, de tanto andar, já não podem suportar o empedrado das calçadas e os pés incham de uma maneira assustadora! Matos Sequeira vem em seu socorro e, tirando as historicas chinelas da sua pasta ministerial, empresta-lh'as solenemente, Aprigio pode enfim visitar a herdade do seu amigo Descalço!



Ahi, outro precalço surge. Enterra os chinelos na lama e fica preso aos torrões da terra lavrada. O grande proprietario Descalço cede-lhe as suas botas de cano alto, ficando autenticamente descálço!



De regresso a Lisboa, com os pés desinchados, Matos Sequeira, aflito, recebe os historicos chinelos que Aprigio lhe restitue já com o comboio em andamento, por entre vivas fronéticos ao Geraklo Sem-Pavor, ao Manuelinho e á rapaziada fixe eborense!

CONSELHOS AOS AUTORES

A B C
TEATRAL

A ninguém, nem a tua familia, confies ideia, fraso ou situação, da peça que estejas escrevendo ou pensando escrever: expôr-te-ias a vê-la metida na que ensaiam noutro teatro e se ha-de estreiar antes da tua.

Se depois duma estreia tua vires que a graça mais viva e o detalhe mais celebre te foi roubado para uma peça estreada depois, cala-te e não protestes. Graças aplaudidas são graças roubadas, e não vale a pena protestar.

Se á leitura ou ensaios da tua peça falta o primeiro actor ou a primeira actriz, não te zangues nem ofendas; o actor teve que ir chumbar um dente; a actriz a casa da modista. Por acaso, a hora da leitura e do ensaio são, precisamente, as que, modistas e dentistas, têm destinadas para actrizes e actores.

Não te desgostes se durante a leitura da tua peça a primeira actriz apoiar o cotovelo na mesa e durma. É porque passou mal a noite.

Procura que nenhum artista fique sem papel. Poderia acontecer que, convertido em trombete difamadora, percorresse os cafés dizendo que a tua peça não presta, e a pateada começaria a sua preparação.

Se escreveres a um primeiro actor e não te responder, se lhe envias a comedia que ele pediu e não t'a agradecer não suponhas que é falta de atenção ou má educação: é que entre os espectadores, ensaios, estudo de papeis e ceias que o obrigam a deitar-se ás seis da manhã, não lhe fica tempo para ser atento e educado. Compreendendo-o serás razoavel.

Se és da capital do Sul estreia a tua peça na do Norte. A' maioria do publico é-lhe indiferente aplaudir peças de autores que não conhece; mas custa-lhe ajudar o exito de amigos ou conhecidos.

Não esqueças nunca que isto de chamar «respeitavel» ao publico é uma tradição puramente convencional. Não pretendas modificar os caprichos da indumentaria das actrizes. Responder-te-hão que o convencionalismo teatral assim o exige. Por exemplo: se a cena representa o interior dum convento de freiras descálças e as actrizes se apresentam com sapatos de polimento e tacões altos, olhos rasgados a negro e labios pintados de vermelho, cala-te e sofre, ainda que o convento mais de que freiras pareça de «tanguistas».

Ao dia seguinte á duma estreia tua, não leias os jornais; mede o exito pelo numero de representações e durante a primeira semana foge dos amigos; por muito bons que sejam procurarão maneira de te fazer saber que determinado jornal fala mal da tua peça.

PEREZ LACHAISE



—Para que te vestes tu de mulher?
—Olha, f'ilha, é a maneira de não me demorar no cabeleireiro.



—Porque te queres deitar hoje mais cedo?
—Para fazer as minhas orações para todo o mês...



—Dá-me licença que vá ao Rato?
—Mas isso é um suicídio!
—Era o que eu queria...



—Quem venceu?
—O governo.
—Vê lá se te enganas, pois quero ir dar vivas aos vencedores...



—Andam a tirar as «pinhas» das janelas!
—Estamos perdidos, homem! As «pinhas» são ócas...



—O' pai, troca lá isto em miúdos!



Isto é um abuso...



—Como não estamos no defezo, vamos a atirar áquele pardal.



—Não su elen nada?
—Ora! Levava o meu seguro de vida e um chapéu de chuva!



—O «Rato» é o peor de esfolar...



—Eu andei sempre debaixo do fogo, e tu?
—Eu também andei sempre debaixo da cama.



—Governamental ou revoltoso?
—Se quer que lhe diga ainda não percebi...
—Mas de que lado está...
—Estou no 758, da 2.ª.



—E esta, hein! Não se ia entornando o frasco de tinta!